

Ansiedade e Desempenho Acadêmico: Um Estudo com Alunos de Ciências Contábeis

GILBERTO JOSÉ MIRANDA

Universidade Federal de Uberlândia

CLARA FIGUEIRA DOS REIS

Universidade Federal de Uberlândia

SHEIZI CALHEIRA DE FRETIAS

Universidade Federal da Bahia

Resumo

O presente estudo analisou o fenômeno ansiedade entre estudantes de Ciências Contábeis de uma Universidade Pública Brasileira, com o propósito de verificar se a mesma está significativamente associada ao desempenho acadêmico. A pesquisa é de caráter exploratório, com uma abordagem quantitativa, utilizando-se do questionário IDATE (Inventário de Ansiedade Traço-Estado), testado, validado e traduzido por Biaggio (1998). A amostra foi composta por 205 estudantes, do turno noturno, cursando entre o 2º e o 10º período do curso de graduação em Ciências Contábeis. As análises foram realizadas por meio dos testes “t” de Student, Correlação de Pearson e Análise de Regressão Linear Múltipla. De acordo com o levantamento bibliográfico, a ansiedade gera reações indesejadas no corpo, como dificuldade de concentração, “brancos”, inquietações e dores de cabeça, e estes efeitos causados pela ansiedade poderiam influenciar o desempenho acadêmico dos alunos. Os principais resultados do presente estudo indicam que, de fato, os estudantes mais ansiosos no cotidiano tendem a ficar mais ansiosos que os demais em momentos de avaliação, que as mulheres tendem a apresentar maiores níveis de ansiedade que os homens e que os alunos mais ansiosos, de final de curso, homens e que não participaram de atividades acadêmicas tendem a apresentar rendimentos acadêmicos inferiores aos demais. Consequentemente, de acordo com os resultados encontrados, os estudantes que compuseram a amostra da pesquisa poderiam potencialmente apresentar desempenho superiores, caso fosse possível controlar a sua ansiedade estado. Estes resultados sugerem que as instituições e professores, ao buscarem formas de diminuir os níveis de ansiedades dos discentes, poderiam elevar os níveis de rendimento acadêmico dos estudantes.

Palavras chave: Ansiedade, Desempenho Acadêmico, CRA, Ciências Contábeis, IDATE.

1 Introdução

A ansiedade é uma emoção desencadeada perante o medo de situações presentes ou futuras vistas como impertinentes (Cruz, Pinto, Almeida & Aleluia, 2010). No decorrer da vida, as pessoas são expostas a muitas destas situações, inclusive durante o período acadêmico, quando passam por muita pressão, especialmente em situações avaliativas, pois supostamente, o futuro profissional depende de um bom desempenho acadêmico.

O desempenho acadêmico, por sua vez, está relacionado à capacidade do aluno de manter e reproduzir o que foi aprendido (Oliveira & Santos, 2006), portanto, para medir sua *performance* acadêmica, o aluno deve passar por avaliações nas quais serão detectados os níveis de conhecimento, aprendizado e aproveitamento obtidos.

O período acadêmico exige que o discente universitário vivencie uma série de mudanças e adaptações (Mondardo & Pedon, 2005), o que pode colocá-lo em contato com diversos estressores, específicos desse ambiente, como as inseguranças geradas pelas possíveis dúvidas e desilusões com a carreira escolhida, aquisição de novas e maiores responsabilidades, distanciamento da família, dificuldade no estabelecimento de relacionamento afetivo, o medo e a ansiedade (Calais et al., 2007), gerando, muitas vezes, dificuldades de aprendizagem e alterações no desempenho acadêmico (Mondardo & Pedon, 2005).

Tais possibilidades podem ocorrer em praticamente todos os cursos, inclusive naqueles que são predominantemente noturnos, em que os estudantes dividem seu tempo com escola e trabalho, como ocorre nos cursos de Ciências Contábeis. Dados do Censo Nacional da Educação Superior de 2013 revelam que o curso de Ciências Contábeis ocupa o quarto lugar no número de matrículas no Brasil (Brasil, 2013). Apesar da expressividade do curso, os índices de rendimento acadêmico medidos pelo ENADE têm sido muito baixos, em média 34% nas edições de 2006, 2009 e 2012 (Brasil, 2013), o que fomenta discussões sobre possíveis fatores que possam afetar o desempenho acadêmico de graduandos em Ciências Contábeis.

Nesse contexto, torna-se importante investigar se há interferência da ansiedade no ambiente de aprendizagem em Ciências Contábeis, uma vez que a ansiedade, segundo apontam Lipp e Malagris (2001), promove o estresse, podendo assim interferir nos recursos envolvidos com a aprendizagem e o desempenho do indivíduo. Portanto, o objetivo geral do trabalho é verificar se existe correlação entre ansiedade e desempenho acadêmico entre estudantes de Ciências Contábeis de uma universidade pública brasileira. Para a realização desse propósito, têm-se os seguintes objetivos específicos: a) medir os níveis de ansiedade dos alunos participantes da pesquisa; b) levantar dados sobre o desempenho acadêmico dos participantes; c) identificar e coletar dados sobre outras potenciais variáveis que expliquem o desempenho acadêmico dos estudantes no contexto desta pesquisa; e d) correlacionar as medidas de desempenho e de ansiedade apuradas.

É de conhecimento comum que a ansiedade é um problema presente em grande parte da população na atualidade, e isso pode causar impactos em vários aspectos de diferentes formas. Pesquisas anteriores, embora sejam poucas, como a de Macher, Paechter, Papousek e Ruggeri (2011), evidenciam que a ansiedade e o desempenho acadêmico podem estar associados.

Assim, o presente estudo justifica-se pela necessidade de verificar se a ansiedade e o desempenho acadêmico realmente se relacionam e de que forma isso acontece no curso de Ciências Contábeis, já que são escassos os trabalhos nesse contexto no Brasil. Além disso, segundo Bardagi e Hutz (2011), identificar as principais fontes de preocupação e ansiedade relacionadas ao ambiente acadêmico de formação superior pode auxiliar tanto as unidades de ensino quanto os serviços de atendimento aos discentes universitários no combate à evasão e ao desengajamento dos alunos, aumentando as possibilidades de satisfação com o curso e a profissão escolhida por esses discentes.

Nesse sentido, torna-se relevante aprofundar os conhecimentos sobre ansiedade no ambiente acadêmico, pois assim, pode-se contribuir para que professores, coordenadores de cursos e orientadores possam desenvolver um ambiente acadêmico favorável à aprendizagem, que contribua para o bom desempenho acadêmico, uma vez que ao se conhecer mais detidamente esse fenômeno, meios de reduzir seus impactos negativos poderiam ser estudados.

2 Revisão da literatura

Andrade e Gorenstein (1998) definem ansiedade como um estado emocional normal do ser humano, composto por fatores psicológicos e fisiológicos que influenciam no desempenho de suas atividades. Karino (2010) assevera que a ansiedade é um estado emocional de inquietude e estresse que desencadeia reações físicas de defesa, na tentativa de impedir uma ameaça.

De acordo com Andrade, Gentil Filho, Laurenti e Lolio (1998), os sintomas de ansiedade podem ser detectados em qualquer pessoa em algum momento da vida, e os transtornos de ansiedade estão entre os transtornos psiquiátricos mais frequentes.

É importante ressaltar que, apesar do sentimento de ansiedade ser muito confundido com medo, existe uma diferença entre eles. Embora seja difícil apontar um fator determinante para a diferenciação entre ambos, pode-se considerar o conhecimento sobre a situação em análise para que seja feita a distinção. Segundo Holmes (1997), a nomenclatura “medo” é utilizada quando se trata de algo conhecido pelo indivíduo e a nomenclatura “ansiedade” quando se trata de algo desconhecido pelo indivíduo.

De acordo com Serra (1980), a ansiedade, definida pelo dicionário de Cândido Figueiredo como angústia, é uma reação emocional proveniente de um agrupamento de emoções, destacando-se entre elas o medo. As pessoas tendem a se sentirem ansiosas diante das mais variadas situações, como por exemplo, um aluno ao fazer uma prova.

Para Guimarães (2014, p. 25), a “ansiedade é uma sensação subjetiva de inquietação, pavor ou apreensão e pode variar de acordo com o perigo percebido”. O autor também entende que a ansiedade se trata de fenômeno humano normal e se transforma em patológico quando afeta as atividades cotidianas do indivíduo, por exemplo, quando devido a um momento de ansiedade intensa, um acadêmico desiste de apresentar um seminário (Guimarães, 2014). Neste sentido, a ansiedade pode ser um evento normal ou patológico.

Karino (2010) pontua que a ansiedade é vista como uma reação natural do homem quando induz o organismo a se prevenir ou diminuir efeitos de situações consideradas intimidantes. Em contrapartida, ela é considerada um evento patológico quando sua presença e intensidade não equivalem ao motivo pelo qual foi causada ou, até mesmo, quando surge sem motivo (Amorim-Gaudêncio & Sirgo, 1999; Andrade & Gorenstein, 1998), e embora não exista nenhum padrão para classificar a ansiedade como anormal, ela pode ser considerada como tal, quando apresentar fatores como: nível demasiadamente alto, não apresentar justificativas realistas ou quando apresenta consequências negativas, segundo Holmes (1997).

Algumas pesquisas apontam que as pessoas do sexo feminino tendem a se mostrar mais ansiosas do que as do sexo masculino (Homes, 1997). Soares e Martins (2010) sugerem que essa diferença pode ser devido às mulheres desempenharem funções diferentes na sociedade (o que gera estressores diferentes), além das diferenças biológicas.

A ansiedade apresenta desvantagens como o estímulo de reações indesejadas, causando dificuldade de concentração, inquietação, dores de cabeça, dores musculares e tonturas (D’Avila & Soares, 2003; Soares & Martins, 2003). Preocupação, cansar-se facilmente, “brancos”, irritabilidade, tensão muscular e dificuldade para dormir também são sintomas que podem ser associados à ansiedade, segundo Barlow (1999).

Porém, em alguns casos a ansiedade pode ser um fator positivo, pois pode servir como incentivo para a pessoa esforçar-se mais e, conseqüentemente, atingir melhores resultados (Holmes, 1997). Na escola, por exemplo, existem situações que expõem os alunos e os deixam ansiosos, mas esta condição acaba servindo como estímulo para que superem seus limites (Macher et al., 2011).

De acordo com Brown et al. (2014), a auto eficácia, crença que o indivíduo tem sobre sua capacidade de realizar com sucesso determinada atividade, e a expectativa de resultados são fatores influentes nos níveis de ansiedade, portanto, pessoas com maiores níveis de auto eficácia e maiores expectativas de resultados demonstram-se menos ansiosas. Melo Cruz et al. (2010) concordam que a auto eficácia se relaciona negativamente com os níveis de ansiedade e comprovam ainda que outro fator que se relaciona negativamente com a ansiedade é o modo como o indivíduo se vê, ou seja, quanto melhor o autoconceito, menor a ansiedade.

Devido aos contextos avaliativos serem considerados fatores geradores de estresse, pesquisas são feitas desde as décadas de 1960 e 70, a fim de detectar as contrariedades resultantes desta condição e entender a formação da ansiedade em testes e compor meios para sua análise (Karino, 2010).

Os principais testes usados para medir a ansiedade são o de ansiedade-traço e ansiedade-estado, e faz-se importante ressaltar a diferença entre eles. A ansiedade-traço pode ser notada em um indivíduo que já apresenta a disposição comportamental de ser ansioso e este sentimento permanece reprimido até que surja uma ocasião que o acione. Ou seja, esse tipo de ansiedade muda com menos frequência. Já a ansiedade-estado é uma emoção passageira, desencadeada por algum acontecimento específico, sendo conscientemente percebida e causando sentimentos aborrecedores. Em outras palavras, é um estado emocional momentâneo, que aumenta a atividade do sistema nervoso quando surgem situações conflituosas (Andrade & Gorenstein, 1998).

De acordo com Munhoz (2004), no Brasil, o desempenho acadêmico é comumente relacionado ao rendimento acadêmico, porém são coisas diferentes, já que o desempenho é a maneira como alguém se comporta quando submetido a uma avaliação em relação à competência, enquanto o rendimento é resultado desse desempenho em forma avaliativa (números ou conceitos).

Para Zeidner (2010) a relação da ansiedade com o desempenho é vista como de natureza recíproca, sendo que ela produz padrões aversivos de motivação que interferem no aprendizado e conseqüentemente no desempenho. Neste sentido, Marcher et al. (2011) afirmam que a ansiedade é uma forte característica que interfere negativamente no desempenho de exames e no aprendizado. Campbell (2007) em seu estudo obteve resultados que indicam uma correlação negativa da ansiedade com desempenho acadêmico, o que demonstra que quanto mais ansioso é o discente, pior se torna o seu desempenho acadêmico.

Karino (2010) explica que há essa interferência, pois a ansiedade pode proporcionar no indivíduo uma diminuição na concentração, redução da memória e prejuízo na capacidade de associação, e isso acontece, uma vez que experiências de estresse prolongado, experiências de depressão e ansiedade graves e duradouras causam danos principalmente ao córtex pré-frontal e ao hipocampo, regiões do cérebro que são intimamente relacionadas ao aprendizado e à memória (Dalgarrondo, 2008).

Oliveira e Duarte (2004) explicam que a alta expectativa de desempenho se deve às pressões do meio externo, que sugerem que só é aceito socialmente o indivíduo que tem sucesso, e que este só é alcançado quando se tem um desempenho excepcional, caso contrário é dado como “fracassado”. Logo, surge uma pressão que pode desencadear sentimentos de ansiedade.

Em situações examinadoras, indivíduos ansiosos se distraem ou até mesmo ficam incapazes de restringir as opções disponíveis, o que permite que surjam pensamentos que

atrapalham seus resultados, conforme explicam Marcher et al. (2011). Este fato evidencia a relação negativa entre ansiedade-traço e desempenho acadêmico.

Costa e Boruchovith (2004) entendem que o motivo de alunos muito ansiosos falharem em avaliações seja que a concentração fica dividida entre o sentimento de falta de capacidade e as exigências da tarefa a ser realizada, o que atrapalha a concentração e, conseqüentemente, o desempenho. Ou seja, ainda que exista o conhecimento, a capacidade de demonstrá-lo é afetada.

Os estudantes com maior nível de ansiedade também apresentam maiores índices de procrastinação, de acordo com estudos realizados por Marcher et al. (2011). Isto é, o fato de dedicarem menos esforços e tempo ao processo de aprendizagem está indiretamente associado às estatísticas de ansiedade.

Os estudos realizados por Cruz et al. (2010) encontraram evidências de que as situações de avaliação oral aumentam a ansiedade dos alunos, enquanto as situações de realização de trabalhos em grupo não interferem no estado emocional.

Por sua vez, Oliveira e Duarte (2004) constataram que, sob circunstâncias de exposição oral, os alunos muito ansiosos apresentam-se tentados a esquivar da situação, além de reações físicas tais como: taquicardia, tremores, transpiração excessiva, dentre outros. Estes fatos podem vir a afetar o desempenho acadêmico dos estudantes, seja por não realizarem a tarefa e se esquivarem, ou pela dificuldade de concentração na tarefa.

O trabalho de Costa e Boruchovitch (2004) aponta que a adoção de estratégias de aprendizagem pode ser um possível meio de reduzir a ansiedade em relação ao desempenho acadêmico. Os alunos que apresentam bons costumes em relação aos estudos e sabem se preparar melhor para as avaliações conseguem controlar melhor a ansiedade. Ainda segundo as autoras, o professor também tem um papel importante no controle de ansiedade dos alunos e deve estar preparado para prevenir e saber lidar com essa situação.

Diante desse quadro, fica evidente a importância de avaliar possíveis relações existentes em contextos de aprendizagem específicos, como o curso de Ciências Contábeis no Brasil, uma vez que são escassas as pesquisas sobre o tema e, por ser um curso de grande procura e de alta exposição precoce ao mercado de trabalho.

3 Aspectos metodológicos

No que diz respeito ao objetivo, a pesquisa é exploratória, visando identificar o perfil dos respondentes, seus níveis de ansiedade e a relação entre a ansiedade e o desempenho acadêmico dentro da população dos alunos de Ciências Contábeis de uma universidade pública brasileira. Em relação à abordagem do problema, foi usada uma abordagem quantitativa, que é a apropriada para fornecer dados confiáveis e precisos, possibilitando uma análise dos mesmos para chegar aos resultados (Moresi, 2003).

Em relação aos procedimentos técnicos da coleta de dados, foi utilizado o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE), desenvolvido por Spielberger (1979), o qual foi traduzido e validado para o português por Biaggio (1998). O questionário possibilita avaliar duas escalas diferentes de ansiedade (ansiedade-traço e ansiedade-estado), por meio de 20 afirmações para que os participantes assinalem, para ansiedade-traço, como geralmente se sentem e, para ansiedade-estado, como se sentem em relação a uma situação avaliativa específica (Biaggio, Natalício & Spielberger, 1977).

O questionário foi aplicado aos alunos de Ciências Contábeis do 2º ao 10º período, do turno noturno de uma instituição pública brasileira nos dias 28/10 a 16/11/2015. Para a aplicação do questionário, foi solicitada a autorização aos professores e explicado aos respondentes que não existem respostas certas ou erradas. O questionário deveria ser respondido da forma mais espontânea possível, evitando pensar muito antes de responder.

O questionário era composto por um bloco de questões que caracterizavam os respondentes (sexo, período, idade, se possui atividade remunerada, se possui experiência com atividades acadêmicas e número de matrícula); e um segundo bloco com as questões relativas à ansiedade traço e um terceiro com as questões relativas à ansiedade estado. Além disso, foi pedido aos alunos participantes que autorizassem o acesso aos seus Coeficientes de Rendimento Acadêmico (CRA) para que fossem usados como medida de desempenho.

Para a interpretação do questionário foram consideradas as pontuações correspondentes às respostas assinaladas pelos alunos, porém para todas as afirmações de caráter positivo, como no item 1 do IDATE – Estado: “sinto-me bem”, foi considerado o valor inverso ao assinalado. Logo, se para esta pergunta o aluno assinalou 4, foi atribuído valor 1, se assinalou 2, foi atribuído valor 3 e, assim, sucessivamente. Destaca-se ainda que, as afirmações de caráter positivo para o IDATE – Estado são: 1, 2, 5, 8, 10, 11, 15, 16, 19, 20 e para o IDATE – traço são: 1, 6, 7, 10, 13, 16, 19 (Kaipper, 2008).

Para a análise dos dados foi utilizado, primeiramente, o teste de Kolmogorov-Smirnov para verificar se a distribuição dos dados relativos às variáveis "CRA", "IDATE - Estado" e "IDATE - Traço" era normal. Confirmada a normalidade, foi utilizado o teste “t” de Student (paramétrico) para testar a diferença de médias entre os dois tipos de ansiedade pesquisados. Posteriormente, verificada a existência de correlação entre as variáveis estudadas, por meio do teste de correlação de Pearson, foi realizada a análise de regressão linear múltipla para testar a relação entre as principais variáveis pesquisadas (desempenho e ansiedade) e, adicionalmente, para buscar potenciais fatores explicativos para a ansiedade.

Por se tratar de uma situação de estimação padrão, nos modelos da análise de regressão linear múltipla foi utilizado estimador de mínimos quadrados ordinários (MQO), considerado o melhor estimador não viesado, em função de suas propriedades (Kennedy, 2009). As variáveis utilizadas nos modelos são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Descrição das variáveis utilizadas nos testes de regressão

Variável	Descrição	Mensuração
CRA	Coeficiente de rendimento acadêmico.	Contínua, variando de 7,1 à 92,68.
IDATE_Estado	Pontuação correspondente às respostas assinaladas pelos alunos na escala IDATE_Estado.	Contínua, variando de 26 a 76.
IDATE_Traço	Pontuação correspondente às respostas assinaladas pelos alunos na escala IDATE_Traço.	Contínua, variando de 22 a 78.
Período	Semestre no qual o estudante está matriculado.	Escalar, variando de 2 a 10, onde a escala corresponde ao semestre em curso.
Idade	Idade dos estudantes.	Escalar, onde 1 corresponde a até 17 anos, 2 corresponde a de 18 a 20 anos, 3 corresponde a de 21 a 25 anos, e 4 corresponde a acima de 25 anos.
Gênero	Gênero dos estudantes.	Binária na qual 1 corresponde a masculino e 0 corresponde a feminino.
AtivAcad	Experiência de participação em alguma atividade acadêmica (PET, Iniciação Científica, Monitoria, Empresa Jr., etc).	Binária na qual 1 corresponde a sim e 0 corresponde a não.

Fonte: Elaboração própria.

Impende salientar que as variáveis de controle utilizadas nos testes de regressão (período, idade, gênero e atividade acadêmica) foram previamente testadas em estudos anteriores que objetivaram pesquisar possíveis fatores associados ao desempenho acadêmico

de estudantes de graduação (Miranda, Lemos, Pimenta & Ferreira, 2015; Moura, Miranda & Pereira, 2015).

4 Resultados

O questionário foi respondido por 223 alunos, porém 17 foram descartados por causa de problemas com autorização de utilização e/ou ausência de dados, portanto a amostra válida da pesquisa é de 205 estudantes, que representam 46,5% dos estudantes matriculados no curso de Ciências Contábeis noturno da instituição.

Verificou-se inicialmente que 55,1% dos participantes da pesquisa são do sexo feminino e 44,9% do sexo masculino. Em relação à idade dos alunos, quase metade (49,8%) têm entre 21 e 25 anos, apenas 1 tem menos de 17 anos, 24,9% têm de 18 a 20 anos de idade e 24,4% têm mais de 25 anos. A maior parte dos respondentes não se dedica exclusivamente aos estudos, pois 79,5% trabalham e 4,4% participam de alguma atividade acadêmica, como o Programa de Ensino Tutorial (PET), Iniciação Científica (IC), Monitoria ou Empresa Jr.

A média do Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA) de todos os alunos que responderam a pesquisa é de 69,5 em uma escala de zero a cem pontos, sendo o CRA mínimo de 7,1 e o máximo de 92,7. No que se refere ao estágio do curso, não houve muita discrepância no número de respostas entre os períodos pesquisados, porém a maior parte (16,6%) se encontra no 8º período do curso, enquanto o terceiro período foi o que apresentou o menor percentual (6,8%) de respondentes. É importante destacar que os alunos do primeiro período não participaram da pesquisa por não possuírem CRA.

A Tabela 2 apresenta as estatísticas descritivas das principais variáveis do estudo, quais sejam: CRA, IDATE-Estado e IDATE-Traço.

Tabela 2 – Estatísticas descritivas relacionadas a ansiedade e ao rendimento acadêmico

Itens	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CRA	205	7,10	92,68	69,502	12,493
IDATE-Estado	205	26	76	50,79	8,827
IDATE-Traço	205	22	78	41,70	9,800

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com a Tabela 2, o CRA médio dos alunos investigados é de aproximadamente 70% da nota. Já o nível médio de ansiedade identificado no IDATE – Estado (no momento de uma avaliação) foi de 50,79, sendo o menor nível identificado igual a 26 e o maior 76. Para o IDATE – Traço (como os alunos geralmente se sentem) foi identificado o valor médio de 41,70, sendo o mínimo 22 e o máximo 78, ambas as medidas de ansiedade poderiam variar entre 20 (menor ansiedade) e 80 (maior ansiedade) pontos.

Conhecidas as estatísticas descritivas, procedeu-se o teste “t” de Student, que revelou que as diferenças de médias entre o IDATE-Estado e o IDATE-Traço são significativamente distintas (sig. = 0,000). Em outras palavras, no momento das avaliações, o nível de ansiedade médio é superior ao nível de outras situações entre os estudantes que compuseram a amostra pesquisada, o que corrobora com os estudos de Macher et al. (2011) e Karino (2010).

Antes da análise de regressão linear múltipla, procedeu-se ainda o teste de correlação de Pearson para testar a existência de correlação entre todas as variáveis utilizadas na análise de regressão. A Tabela 3 apresenta o resultado do teste.

Tabela 3 – Teste de Correlação de Pearson

Variáveis	CRA	Idate Estado	Idate Traço	Período	Sexo	Idade	Trabalho	Ativ. Acadêmica
CRA	1,000							
Sig. (2-tailed)	.							
Idate – Estado	-,143*	1,000						
Sig. (2-tailed)	,041	.						
Idate – Traco	-,076	,641**	1,000					
Sig. (2-tailed)	,276	,000	.					
Período	-,245**	-,077	-,164*	1,000				
Sig. (2-tailed)	,000	,274	,019	.				
Sexo (1=masc)	-,055	-,380**	-,304**	-,063	1,000			
Sig. (2-tailed)	,432	,000	,000	,370	.			
Idade	-,124	-,159*	-,111	,388**	,181**	1,000		
Sig. (2-tailed)	,077	,023	,114	,000	,009	.		
Trabalho (1=sim)	-,103	,027	,010	,107	,118	,254**	1,000	
Sig. (2-tailed)	,141	,698	,883	,126	,092	,000	.	
Atividade Acadêmica (1=sim)	,171*	-,013	-,023	-,055	-,050	-,042	-,363**	1,000
Sig. (2-tailed)	,014	,857	,740	,434	,479	,552	,000	.

** Correlação é significativa ao nível de 0,05

* Correlação é significativa ao nível de 0,10

Fonte: dados da pesquisa.

Entre os principais resultados encontrados no teste de correlação, apresentados na Tabela 3, destaca-se a correlação, positiva e significativa ao nível de 1%, entre os dois tipos de ansiedade pesquisados (traço e estado). Isto significa que os alunos respondentes que são ansiosos no dia a dia tendem a ficar mais ansiosos que os demais nos momentos de avaliação. Essa correlação também foi identificada no trabalho de Soares e Martins (2010). Para Kaipper (2008), essa relação é natural já que o traço de ansiedade faz com que o indivíduo seja mais sensível aos estímulos e, conseqüentemente, mais reativo.

Os resultados dispostos na Tabela 3 também mostram que os dois tipos de ansiedade apresentaram correlação negativa com o gênero masculino, ou seja, as mulheres pesquisadas são estatisticamente mais ansiosas que os homens. Diversos autores que fizeram pesquisas relacionadas à ansiedade encontraram essa mesma relação (Soares & Martins, 2010; Macher et al., 2011; Oliveira & Duarte, 2004). Segundo eles, essa diferença pode ser atribuída ao fato de a mulher ser biologicamente diferente do homem. Outras razões também são apresentadas. La Rosa (1998) argumenta que a cultura geralmente é mais permissiva com os homens que com as mulheres. Além disso, para elas há a dificuldade de conciliar a maternidade com a carreira profissional, inclusive com responsabilidade da dupla jornada de trabalho na maioria dos casos.

Tal achado explicar-se-ia pelo mais alto nível de expectativas éticas que envolve o comportamento feminino, já que a cultura é mais permissiva com os homens e mais restrita com as mulheres. Um outro aspecto a considerar são as pressões no sentido da profissionalização e ingresso no mercado de trabalho, como afirmação pessoal e busca de independência econômica, requisitos importantes da personalidade da mulher no limiar do novo milênio, o que implicaria em engajar-se em comportamentos competitivos, comumente estressantes e eventualmente conflitantes com feminilidade. Uma outra consideração é que o projeto de constituição de uma família encontra-se na maioria das adolescentes, o que significa, para a quase totalidade, uma dupla jornada de trabalho, a de fora de casa e a que

envolve as atividades domésticas, incluindo as funções de esposa e mãe. Tais perspectivas que se convertem na mais dura realidade, são desgastantes e produtoras de tensões.

O tipo de ansiedade IDATE-Estado apresentou correlação negativa, ao nível de 5%, com a idade, ou seja, entre os pesquisados, os alunos mais jovens apresentaram índices maiores de ansiedade que os alunos mais velhos durante as avaliações. Em geral, os alunos mais jovens estão nos períodos iniciais, portanto, estão mais expostos a novidades que os demais, além de tenderem a possuir maior insegurança sobre o futuro. Todavia, tal correlação verificada não foi apontada por estudos anteriores, e um novo teste será realizado para verificar se a idade, de fato, está relacionada à ansiedade.

Por fim, a variável IDATE-Traço também apresentou correlação negativa com o período (coerente com o comportamento da variável idade). Isso significa que, com o decorrer do curso, os níveis de ansiedade tendem a diminuir, segundo os dados da pesquisa. Levando em consideração que a incerteza em relação ao futuro está entre os mais importantes componentes da ansiedade, espera-se que com o decorrer do curso o aluno diminua essa incerteza e, conseqüentemente, sua ansiedade (Oliveira & Duarte, 2004).

Verificada a existência de correlação entre algumas das variáveis da pesquisa, procedeu-se a análise de regressão linear múltipla para se conhecer a magnitude das relações entre as variáveis estudadas. Para tanto, utilizou-se o software *gretl* 2016a. No primeiro modelo, o coeficiente de rendimento acadêmico (CRA) foi definido como variável dependente, pois se objetivou conhecer o efeito da ansiedade, na presença de outros potenciais fatores explicativos, sobre o desempenho acadêmico dos estudantes que compuseram a amostra pesquisada. A Tabela 4 apresenta os resultados do Modelo 1.

Tabela 4 - Modelo 1: Análise de Regressão CRA X Ansiedade

	Coefficiente	Erro Padrão	Razão-t	p-valor
Constante	96,8758	6,94081	13,9574	<0,0001
IDATE_Estado	-0,272082	0,127594	-2,1324	0,0342
IDATE_Traco	-0,0574233	0,112908	-0,5086	0,6116
Periodo	-1,35124	0,359173	-3,7621	0,0002
Genero	-4,62284	1,84546	-2,5050	0,0131
Idade	-0,334924	1,31975	-0,2538	0,7999
Trabalha	0,0728846	2,28417	0,0319	0,9746
AtivAcad	8,43983	4,32373	1,9520	0,0524
F	4,689053			
P-valor (F)	0,000070			
R ² ajustado	0,112853			

Fonte: Dados da Pesquisa

Conforme evidenciam os resultados apresentados na Tabela 4, foram identificadas correlações significantes entre o desempenho acadêmico e algumas das variáveis analisadas na pesquisa. O período em curso apresentou correlação negativa com o CRA ao nível de 1%, revelando que os alunos iniciantes no curso tendem a possuir CRAs maiores do que os que estão mais próximos de concluir o curso, o que é natural uma vez que o CRA representa uma média das notas finais obtidas em todas as disciplinas cursadas pelos discentes.

Por sua vez, a variável gênero apresentou correlação negativa e significativa ao nível de 5% com o CRA, indicando que as mulheres pesquisadas tendem a possuir um CRA superior ao dos homens. Já a variável atividade acadêmica apresentou correlação positiva com o CRA ao nível de 10%, o que significa que os alunos pesquisados que participaram de PET, IC, Monitoria ou Empresa Júnior tendem a apresentar CRAs maiores.

A variável que representava a ansiedade em condições naturais (IDATE_Traco) não se mostrou significativa para explicar o CRA dos respondentes, porém a ansiedade em momentos

de avaliação (IDATE_Estado), mostrou-se significativa, ao nível de 5%, para explicar o desempenho obtido pelos estudantes pesquisados. A variável IDATE_Estado apresentou uma correlação negativa com o CRA, indicando que , os alunos mais ansiosos no momento da prova tendem a apresentar menores CRAs.

A correlação encontrada entre a ansiedade e o desempenho corrobora os resultados de estudos anteriores que identificaram a influência da ansiedade nos resultados acadêmicos, como o trabalho de Macher et al. (2011), em que estudantes com maiores estatísticas de ansiedade alcançaram menores resultados nos exames, e ainda apresentaram níveis maiores de procrastinação (o que também pode afetar o desempenho), assim como os de Campbell (2007), que em seu trabalho encontrou correlação negativa da ansiedade com o desempenho, pois foi detectado que a ansiedade gera preocupação nos alunos e eles passam a duvidar de sua capacidade.

Faz-se importante destacar que o modelo de regressão teve os seus pressupostos testados por meio do teste de White, para detecção de heterocedasticidade, e dos Fatores de Inflacionamento da Variância (VIF), para detecção de multicolinearidade entre as variáveis, e nenhum problema foi detectado em ambos os testes. Destaca-se também que o poder explicativo do modelo foi relativamente baixo, 11%, mas a ausência de variáveis relacionadas à instituição de ensino, que comprovadamente exercem influência sobre o desempenho dos discentes, pode justificar tal resultado.

Após constatar a existência de correlação entre a ansiedade e o desempenho dos discentes que compuseram a amostra, optou-se por, de forma exploratória, regredir as variáveis de controle contra o IDATE_Estado (agora variável dependente), para tentar identificar possíveis fatores explicativos para a ansiedade no momento da avaliação. Neste segundo modelo de regressão também foi utilizado o estimador de mínimos quadrados ordinários, cujos resultados são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 - Modelo 2: Análise de Regressão IDATE_Estado X Características discentes

	Coefficiente	Erro Padrão	Razão-t	p-valor
Constante	56,5579	2,63959	21,4267	<0,0001
Período	-0,177905	0,247123	-0,7199	0,4724
Gênero	-6,41314	1,19881	-5,3496	<0,0001
Idade	-1,19635	0,917016	-1,3046	0,1935
Trabalha	2,19555	1,58856	1,3821	0,1685
Atividade Acadêmica	1,00053	3,02213	0,3311	0,7409
F	7,118091			
P-valor (F)	0,00000381			
R ² ajustado	0,130958			

Fonte: Dados da Pesquisa

Como pode ser constatado na Tabela 5, a única variável que se mostrou relevante para explicar a ansiedade no momento de avaliações entre os estudantes pesquisados foi o gênero, significativa ao nível de 1% e negativamente correlacionada a ansiedade. Tal resultado revela-se interessante, quando analisado em conjunto com os resultados do Modelo 1, pois, conforme já discutido, a ansiedade no momento de avaliações reflete negativamente no desempenho e as mulheres pesquisadas apresentaram desempenho superior aos homens. Por sua vez, os resultados do Modelo 2 revelam que as mulheres mostraram-se mais ansiosas que os homens pesquisados. Portanto, por meio da análise conjunta dos resultados é possível inferir que se as discentes fossem menos ansiosas, quando das avaliações, apresentariam potencialmente desempenho acadêmico ainda maior que os homens pesquisados.

A relação entre ansiedade e o gênero feminino também foi verificada em estudos anteriores (Soares & Martins, 2010; Macher et al., 2011; Oliveira & Duarte, 2004), de forma

que as evidências apontadas pelo Modelo 2 apenas reforçam a ideia de que a biologia feminina, de alguma forma, interfere no estado emocional das mulheres no momento de avaliações. Tal achado pode fomentar discussões acerca de meios para controle da ansiedade, visando à maximização de desempenho entre as mulheres, assim como de possíveis explicações para o desencadeamento da ansiedade entre os diferentes gêneros.

Por fim, ressalta-se que assim como procedido no Modelo 1, os pressupostos da regressão foram verificados sem que inconformidades fossem encontradas. O poder explicativo do modelo também se apresentou relativamente baixo, 13%, o que é natural em função do reduzido número de variáveis explicativas potenciais da IDATE_Estado utilizadas na regressão.

5 Considerações finais

Este trabalho teve o propósito de verificar se existe correlação estatisticamente significativa entre ansiedade e desempenho acadêmico no curso de Ciências Contábeis de uma universidade pública brasileira.

Os resultados evidenciaram que a ansiedade-traço está significativamente correlacionada com a ansiedade-estado, demonstrando que quando o aluno apresenta altos níveis de ansiedade no seu dia a dia, em situações avaliativas esse nível fica ainda mais elevado. Sobre os efeitos da ansiedade no desempenho acadêmico dos estudantes pesquisados, os resultados evidenciaram que a ansiedade estado se mostrou negativa e significativamente correlacionada ao CRA, indicando que os discentes mais ansiosos no momento das avaliações tendem a possuir menor desempenho acadêmico.

Ainda sobre o desempenho acadêmico, os achados desse estudo sugerem que os estudantes de início de curso pesquisados tendem a possuir maiores coeficientes de rendimento acadêmico que os estudantes de final de curso, que os estudantes que participaram de atividades acadêmicas tendem a apresentar melhor desempenho que os que não participam e que os estudantes do gênero feminino tendem a obter CRAs mais elevados que os do gênero masculino.

A pesquisa também corroborou outros estudos da mesma temática ao verificar que as mulheres apresentam maiores níveis de ansiedade que os homens (Soares & Martins, 2010; Macher et al., 2011; Oliveira & Duarte, 2004). Consequentemente, de acordo com os resultados encontrados nesse estudo, as mulheres que compuseram a amostra da pesquisa poderiam potencialmente apresentar desempenho ainda maior do que os homens, caso fosse possível controlar a sua ansiedade estado. Essa constatação se torna especialmente interessante, pois acentua a existência de diferença significativa entre a performance de homens e mulheres em processos de avaliação de aprendizagem, o que suscita a ampliação da discussão e a necessidade de mais pesquisas que objetivem melhor entender tais diferenças, bem como os seus fatores associados.

Por fim, conforme discutido na literatura da área (D'Avilla, 2003; Soares & Martins, 2003; Barlow, 1999), a ansiedade gera reações indesejadas no corpo, como dificuldade de concentração, "brancos", inquietações e dores de cabeça, e estes efeitos explicam sua influência sobre o desempenho dos alunos. Sendo assim, faz-se necessário estudar técnicas de redução dessa ansiedade, a fim de diminuir estes sintomas em contextos avaliativos e, consequentemente, seus efeitos negativos sobre o rendimento acadêmico.

As principais limitações da pesquisa foram o fato de se restringir aos alunos de uma única instituição de ensino superior, o reduzido número de variáveis explicativas testadas nos modelos de regressão e a necessidade de autorização do aluno para o acesso as notas, pois alguns apresentaram resistência em conceder essa autorização por se sentirem constrangidos

com sua média ou por receio de serem julgados. Esse comportamento reduziu a amostra investigada.

Sugere-se que, em estudos futuros, sejam testados outros fatores geradores de ansiedade entre estudantes de graduação, verificadas as possíveis relações entre a ansiedade e o comportamento do aluno em sala de aula, bem como estudadas potenciais estratégias para a redução dos níveis de ansiedade dos estudantes.

Referências

Amorim-Gaudêncio, C. & Sirgo, (1999). A. Ansiedade aos exames: um problema atual. *Psico*, 30, 75-80.

Andrade, L. H. S. G. & Gorenstein, C. (1998). Aspectos gerais das escalas de avaliação de ansiedade. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 25, 285-290.

Andrade, L., Gentil Filho, V., Laurenti, R., & Lolio, C. (1998). Prevalence of Mental Disorders in an Epidemiological Catchment Area in the City of São Paulo, Brazil. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol*, 316–325.

Bardagi, M.P. & Hutz, C.S. (2011). Eventos Estressores no Contexto Acadêmico: uma breve revisão da literatura brasileira. *Interação em Psicologia*, 15(1), 111-119.

Barlow, D. H. (1999). *Manual Clínico dos Transtornos Psicológicos*. 2 ed. Tradução de Maria Regina Borges Osório. 2 ed. Porto Alegre: Artmed.

Biaggio, A. M. B. (1998). Ansiedade, raiva e depressão na concepção de C. D. Spielberger. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 25, 291-293.

Biaggio, A. M. B.; Natalício, L. F. S. & Spielberger, C. D. (1977) . Desenvolvimento da forma experimental em português do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE), de Spielberger. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 29, 31-44.

Brasil. (2013). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Diretoria de Informações e Estatísticas Educacionais (INEP/SEEC). *Censo do Ensino Superior*, Retirado em:

<http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censo_superior_2013.pdf>

Brown, L. A. et al. (2014). Changes in self-efficacy and outcome expectancy as predictors of anxiety outcomes from the calm study. *Depression and Anxiety*, 31, 678–689.

Calais, S.L., Carrara, K., Brum, M.M., Batista, K., Yamada, J.K. & Oliveira, J.R.S. (2007). Stress entre calouros e veteranos de jornalismo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(1), 69-77. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2007000100008>

Campbell, M. M. (2007). Motivational Systems Theory And The Academic Performance Of College Students. *Journal of College Teaching & Learning (TLC)*, 4(7), 11-23.

Costa, E.R. & Boruchovitch, E. (2004). Compreendendo relações entre estratégias de aprendizagem e a ansiedade de alunos do ensino fundamental de Campinas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(1), 15-24. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722004000100004>

Cruz, C.M.V.M., Pinto, J.R., Almeida, M. & Aleluia S. (2010). Ansiedade nos estudantes do ensino superior: um estudo com estudantes do 4º Ano do curso de licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Saúde de Viseu. *Millenium*, (38), 223-242.

Dalgalarondo, P. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas.

D'Avila, G.T., & Soares, D.H.P. (2003). Vestibular: fatores geradores de ansiedade na cena da prova. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1-2), 105-116. Recuperado em 14 de fevereiro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100010&lng=pt&tlng=pt.

Guimarães, M. F. (2014). *Depressão, ansiedade estresse e qualidade de vida de estudantes de universidades pública e privada*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Mestrado em Psicologia da Saúde, da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

Homes, D. S. (1997). *Psicologia dos Transtornos Mentais*. Tradução de Sandra Costa. 2 ed. Porto Alegre: Artmed.

Kaipper, M. B.(2008). *Avaliação do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) através da Análise Rasch*. 2008. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Karino, C. A. (2010). *Avaliação do efeito da ansiedade no desempenho em provas*. 2010. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações Instituto de Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília.

Kennedy, Peter. (2009). *Manual de Econometria*. 6 ed. Rio de Janeiro: Elsevier.

La Rosa, Jorge. (1998). Ansiedade, sexo, nível sócio-econômico e ordem de nascimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(1), 59-70. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000100004>

Lipp, M.E. & Malagris, L.E.N. (2001). O *stress* emocional e o seu tratamento. In: Rangé, B. (2001). *Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais: um diálogo com a psiquiatria*. Porto Alegre: Artmed Editora, Parte V, 475-490.

Macher D., Paechter M., Papousek I. & Ruggeri K. (2011). Statistics anxiety, trait anxiety, learning behavior, and performance. *Eur. J. Psychol. Educ.* 27, 483–498

Miranda, G.J., Lemos, K.C.S., Pimenta, A.S.O. & Ferreira, M.A. (2015). Determinantes do Desempenho Acadêmico na Área de Negócios. *Meta: Avaliação*, 7, 175-209.

Mondardo, A. H., & Pedon, E. A. (2012). Estresse e desempenho acadêmico em estudantes universitários. *Revista de Ciências Humanas*, 6(6), 159-180.

Moura, A.C.R., Miranda, G.J. & Pereira, J. M. (2015). Desempenho Acadêmico em Ciências Contábeis: turno noturno versus diurno. *Enfoque: Reflexão Contábil*, 34, 57-70.

Moresi, E. (2003). *Metodologia de Pesquisa*. Brasília: Universidade Católica de Brasília-UCB, Pró-Reitoria de Pós Graduação – PRPG.

Munhoz, A. M. H. (2004). *Uma análise multidimensional da relação entre inteligência e desempenho acadêmico em universitários ingressantes*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Oliveira, K.L. & Santos, A.A.A. (2006). Compreensão de textos e desempenho acadêmico. *Psic: revista da Vetor Editora*, 7(1), 19-27. Recuperado em 14 de fevereiro de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142006000100004&lng=pt&tlng=pt.

Oliveira, M.A. & Duarte, A. M. M. (2004). Controle de respostas de ansiedade em universitários em situações de exposições orais. *Rev. bras. ter. comport. cogn.*, São Paulo, 6(2), 183-200.

Serra, A.S.V. (1980). O que é ansiedade? *Psiquiatria Clínica*, 1(2), 93-104.

Soares, A.B. & Martins, J. S. R. (2010). Ansiedade dos estudantes diante da expectativa do exame vestibular. *Paidéia*, Ribeirão Preto, 20(45), 57-62.

Spielberger, C.D.; Biaggio, A.; Natalicio, L.F. – Manual do Idate- Rio de Janeiro, R.J., CEPA, 1979.

Zeidner, M. Anxiety. In: Peterson, E. B.; McGaw, B (Eds.). *International Encyclopedia of Education*. (v. 6, p. 549-557). Oxford: Elsevier, 2010.